



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3410 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 22 - Educação Ambiental

Educação Ambiental e Justiça Climática no Quilombo de Mata Cavalo: uma vivência bachelardiana na cartografia do fogo

Denize Aparecida Rodrigues de Amorim - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Michèle Sato - UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEMAT

O presente artigo relata um encontro realizado na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, na comunidade quilombola Mata Cavalo, em Nossa Senhora do Livramento/MT, durante processo formativo de Educação Ambiental e Justiça Climática, no mês de abril de 2018. Para tanto, tendo a fenomenologia de Gaston Bachelard para abordar temas que afetam a vida no quilombo, revisitamos a metodologia Cartografia do Imaginário, entrelaçando os elementos da natureza: água, fogo, terra e ar.

O elemento trabalhado neste texto é o mote para o objetivo em refletir a vivência denominada “Cartografia do Fogo” naquela comunidade, como parte dos resultados do processo formativo. Os complexos humanos relacionados no livro “A Psicanálise do Fogo” do filósofo são abordados e relacionados com a descrição da vivência. O processo formativo contou com a participação de estudantes do ensino fundamental e médio da escola, bem como os professores e pessoas da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Justiça Climática. Quilombo.

Educação Ambiental e Justiça Climática no Quilombo de Mata Cavalo: uma vivência bachelardiana na cartografia do fogo

Perto do fogo

Quando tudo explodir

Mas não vai explodir nada

Vão ficar os homens se olhando

E dizendo: O momento está chegando.

Perto do fogo, meu amor.

Perto do Fogo – Rita Lee/Roberto de Carvalh O

Devaneios iniciais

O processo formativo denominado “Cartografias de Bachelard: Educomunicação e Justiça Climática” toma como metodologia a Cartografia do Imaginário ao abordar a Educação Ambiental e Justiça

climática na comunidade quilombola Mata Cavalo para dialogar com grupos sociais em situação de vulnerabilidade frente à mudança climática global.

O objetivo geral do processo formativo é a dar visibilidade de fenômenos de justiça climática por meio da comunicação, arte e processos pedagógicos da Educação Ambiental, interpretando fenomenologicamente o cotidiano da comunidade e, vislumbrando as dimensões de vulnerabilidade, oriundas das mudanças climáticas.

O processo aqui descrito ocorreu durante os meses de março a junho com carga horária de 60 horas, dentro do Projeto Ambiental Escolar Comunitário (PAEC) que envolve cerca de 50 pessoas nos encontros de sextas-feiras a cada 15 dias. A fase atual do projeto está em avaliação, pelo coletivo pesquisador, dos artigos produzidos, visando a divulgação científica dos aprendizados acadêmicos.

A metodologia abordada “Cartografia do Imaginário” desenvolvida por SATO (2011; 2012; 2014) inicialmente para processos investigativos em Educação Ambiental acabou adotada noutros projetos de pesquisa devido ao envolvimento com a comunidade e grupos sociais e à incorporação do aprendizado em diversos trabalhos acadêmicos. A autora da metodologia dá pistas de quais são as bases nas quais se fundamentou a metodologia e cujas leituras se tornam fundamentais para melhor compreensão no processo de pesquisa:

Fortemente insculpida na fenomenologia de Gaston Bachelard (1988; 2001), a cartografia do imaginário dialoga com a sociopoética (GAUTHIER, 2012; AMARAL & MARTIN-GENTINI, 2012) e a fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (1964; 1999). (SATO, 2014, p. 14)

O lócus escolhido é a Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, distante 42 km da capital Cuiabá, tendo área de 14.690,3413 hectares e 418 famílias, englobando seis pequenas localidades, Aguassu, Ourinhos/Ponte da Estiva, Mata Cavalo de Baixo, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Capim Verde (SIMIONE, 2009). A comunidade é reconhecida como quilombola (sendo uma de 73 outras em Mato Grosso) e ainda sem o título definitivo da terra a ser emitido pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária - INCRA.

E como ponto de partida temos a Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda localizada na Av. Ribeirão Mata Cavalo, BR 060 KM 25, do lado direito sentido Livramento-Poconé. A escola foi fundada em 2012 e homenageia Dona Tereza (1933 – 2011), o que indica uma conquista de políticas públicas advinda de suas lutas por direitos. A sua compreensão sobre direitos e as questões socioambientais também indicam que a comunidade está há certo tempo trabalhando tais temas na sua história (MANFRINATE, 2009).

Portanto, a presente pesquisa acadêmica traz à tona mais um desafio ao quilombo na luta por direitos: a compreensão do que seja o enfrentamento às mudanças climáticas. Ao inserirmos este debate na escola e no quilombo, coadunamos com a proposta pedagógica freiriana, anunciando que “necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, p.88).

As pesquisas internacionais sobre o clima publicadas nos Relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climáticas (IPCC) apontam que em menos de 50 anos mudanças profundas ocorrerão na Terra. O quinto, e último, relatório do IPCC publicado em 2014 não deixa dúvida quanto a ação humana nas mudanças climáticas a partir da emissão continuada de gases que aumentam o efeito estufa, e em decorrência do aumento da temperatura ocorre o descongelamento das calotas polares, influenciando mudanças tanto nas correntes marítimas quanto nas camadas atmosféricas.

A política global não é unânime quanto à intervenção humana no clima, porém, reconhece que as alterações estão ocorrendo e afetarão a humanidade. O que menos se discute é que os mais afetados serão os grupos sociais em condições mais vulneráveis.

Os grupos sociais em situação de vulnerabilidade são aqueles historicamente invisíveis pelo Estado, e que lutam pelo reconhecimento e fortalecimento de suas identidades. Segundo SILVA (2011, p. 24) “são grupos que na invenção e reinvenção das resistências tornaram protagonistas de lutas em distintas frentes.” Ou, no presente caso, os povos e comunidades tradicionais (e nestes se incluem os quilombos) e aqueles que foram desterritorializados e/ou buscam por justiça (como os movimentos dos sem terras e os atingidos por barragens). Neste sentido, a proposta de dialogar com estes grupos parte do seguinte princípio:

A justiça climática é uma categoria sociopolítica antes que jurídica. Ela é construída: (...) 5. na sociedade: Contribuindo para uma mudança de paradigma, de valores e de padrão de consumo. A noção de Justiça Climática, como direito ao acesso justo e equitativo aos recursos naturais, às informações e decisões sobre o uso de tais recursos, assim como a garantia de que nenhum grupo social suporte uma parcela desproporcional da degradação ambiental, contribui para a devida proteção das populações atingidas por esses processos. (MALERMA e LEROY, 2008, 48)

A Cartografia do Fogo realizada na comunidade Mata Cavalo foi dentro dessa proposta, sendo uma das 4 vivências realizadas, tendo por base a fenomenologia de Bachelard, abordando o imaginário da comunidade e suas lutas e conquistas de direitos.

Foram sujeitos deste processo formativo aqui exposto três grupos participantes.

Um grupo de estudantes da escola quilombola que além de participarem do curso também registraram em vídeos, imagens, áudios e textos o seu cotidiano para que pudesse evidenciar as mudanças climáticas. Esse grupo foi denominado de “transmídia” por narrar ao mesmo tempo um evento em diferentes mídias.

O segundo grupo foi composto por professoras/res, técnicas/os que no decorrer do curso sempre foram convidados a demonstrarem de que forma as mudanças climáticas afetam a comunidade por meio da arte, incluindo também sua própria vivência como integrantes da comunidade quilombola.

E o terceiro grupo foi de pessoas da comunidade Mata Cavalo, também convidadas a participar e compartilhar seus saberes e a vivência no quilombo.

Pedagogicamente este processo formativo apresenta as dimensões da Educação Ambiental como princípios em três plataformas interligadas: epistemológica (conceitos, teorias), praxiológica (vivências, experimentações, reflexão participativa) e axiológica (com princípios e valores da não-neutralidade científica). (SANTOS et al, 2009).

A proposta foi apresentada à coordenação da escola após a definição da metodologia, quando foi definido o cronograma de realização do processo formativo, com a coordenação escolar, selecionando os participantes propostos no objetivo.

A cartografia do fogo foi idealizada pela orientadora e por alguns doutorandos, em especial, mas com a colaboração dos demais, para alcançar o resultado esperado, orientados pela leitura da obra “A psicanálise do fogo”, do filósofo francês Gaston Bachelard.

O lugar do devaneio: Casa da Cultura Quilombola

Durante o planejamento foi pensado que a Casa de Cultura Quilombola Mata Cavalo seria o local ideal para a realização do presente trabalho. A Casa foi construída em 2015 no terreno da escola para exposição de artesanatos e pequenos comércios. Mas, ainda é pouco utilizada pela comunidade, sendo aberta ao público por ocasião da feira realizada na semana da consciência negra, em novembro, ou ocasionalmente quando um ou outro visitante da escola queira conhecê-la.

A escolha da Casa para esta cartografia foi para ser diferente do uso de outros espaços mais usuais.

Desta forma, nos faz lembrar do que preconiza o filósofo no livro sobre os perigos do fogo, o qual é ensinado como uma interdição social, algo que devemos temer sempre.

Eis então a verdadeira base do respeito diante da chama: se a criança aproxima sua mão do fogo, seu pai lhe dá um tapa nos dedos. O fogo castiga sem necessidade de queimar. Seja esse fogo chama ou calor, lâmpada ou fogão, a vigilância dos pais é a mesma. Inicialmente portanto, o fogo é objeto de uma interdição geral; donde a seguinte conclusão: a interdição social é nosso primeiro conhecimento geral sobre o fogo. (BACHELARD, 2008, p.17).

De modo que ao se fazer algo diferente do normal na escola é como vislumbrar o complexo de Prometeu, por ser acidental e desafiador, e assim o autor nos explica:

Propomos, pois, agrupar, sob o nome de complexo de Prometeu, todas as tendências que nos impelem a saber tanto quanto nossos pais, mais que nossos pais, tanto quanto nossos mestres, mais que nossos mestres. (BACHELARD, 2008, p. 18).

Devaneios sobre Justiça Climática

A Casa foi ambientada para receber os participantes do processo formativo com aromas, incensos, decoração colorida e vestimentas dos facilitadores na tonalidade do fogo: amarelo, laranja, vermelho. O momento do acolhimento foi de aquecimento das mãos e garganta, preparando a voz e o corpo, sentindo como o calor das mãos acalma o corpo e prepara o coração para o momento reflexivo da cartografia.

Assim, nessa fase da recepção dos participantes, pode ser interpretado por Bachelard como o complexo do Empédocles, representando o momento do devaneio, quando todos podem se acomodar e apreciar o que os acolhe, com as músicas de fundo e os vídeos projetados à frente, bebendo chá de diversos aromas e comendo pipoca. O autor aborda dessa forma a admiração ao fogo:

O fogo encerrado na lareira foi certamente o primeiro tema do devaneio para o homem, símbolo do repouso, convite ao repouso. Dificilmente se concebe uma filosofia do repouso, sem um devaneio diante das achas que ardem. Assim, acreditamos que não se entregar ao devaneio diante do fogo é perder o uso verdadeiramente humano e primeiro do fogo.(...) Perto do fogo, é preciso sentar-se; é preciso repousar sem dormir; é preciso aceitar o devaneio objetivamente específico. (BACHELARD, 2008, p. 23).

A proposta foi abordar o surgimento do fogo na história da humanidade e a exposição das pesquisas dos doutorandos relacionadas à temática Justiça Climática e Educação Ambiental.

Devaneios artísticos

Os participantes foram convidados a se misturarem e agruparem para preparar uma apresentação que os ajudasse na reflexão dos aprendizados nesta cartografia. Foram quatro apresentações, tendo como proposta uma intervenção artística, com teatro, música e pintura, e cada grupo foi orientado a fazer um desenho em cartolina sobre o aprendizado.

O primeiro grupo apresentou uma expressão corporal com tochas em jornais manuseados por uma participante, em movimentos ritmados, o que chamou a atenção pela expressividade com que contou uma história. A habilidade dessa participante remete ao ensinamento do livro pela qual “o respeito ao fogo é um respeito ensinado, não é um respeito natural” (BACHELARD, 2008, p. 16).

O grupo que apresentou a música o fez em ritmo que remete à capoeira – expressão artística tipicamente africana –, cantando em poucas letras uma história sobre as passagens do quilombo com homenagem a “seu Antônio Mulato”, um quilombola com quase 114 anos, o que mostra a reverência às pessoas da comunidade.

Bachelard aborda muitas histórias sobre diversas sociedades que tem o fogo na sua origem. O autor reflete que talvez nunca saibamos como o ser humano produziu o fogo, afirmando que apenas podemos imaginar como poderia ter acontecido tal fato na história. No entanto, ao explicar o Complexo de Novalis, o autor pondera que a origem do fogo só pode ter originado na humanidade na observação pelos seres humanos da relação do amor entre os mesmos:

O complexo de Novalis é caracterizado por uma consciência do calor íntimo que ultrapassa sempre uma ciência completamente casual da luz. Está fundado numa satisfação do sentido térmico e na consciência profunda da felicidade calorífica. O calor é um bem, uma posse (BACHELARD, 2008, p. 61).

O momento remete à passagem do livro, quando aborda o tema da poesia e do conto ao narrar à história de um povo. Segundo Bachelard (2008, p. 59 – *grifo nosso*), “essa (de Novalis) poesia é um esforço para reviver a primitividade, para Novalis o conto é sempre, em maior ou menor escala, uma cosmogonia.”

O grupo que apresentou o teatro teve como enredo a violência do fazendeiro, pretendo dono da terra, contra os trabalhadores que nela atuam, em um movimento de recuperar o passado escravocrata a que foram submetidos os seus antepassados. Essa violência é mostrada por meio da ameaça com o fogo. Toda a apresentação foi acompanhada de música, além do discurso final, enaltecendo as lutas e a esperança.

A imaginação teatral em função dos devaneios do fogo, segundo Bachelard (2008, p. 161) “é a força mesma da produção psíquica. Psiquicamente, somos criados por nosso devaneio”. Nas histórias de lutas com o final de esperança, se torna uma poderosa finalização para animar a continuidade da comunidade, e assim também poetiza Bachelard (2008, p.16) “para ser feliz, é preciso pensar na felicidade de outro.”

O quarto grupo ficou responsável pela pintura, trabalhando com tinta guache e colagem na cartolina, os integrantes esboçaram o sol, apresentando-o como guia, integrando à composição, mãos e pés foram esboçados no intuito de representar o trabalho e as constantes lutas no campo. Quanto à luz, seja ela emanada de uma vela, ou da claridade como o sol, o autor compreende como uma verdadeira dialética do fogo:

Mas a verdadeira idealização do fogo se forma seguindo a dialética fenomenológica do fogo e da luz. Como todas as dialéticas sensíveis que encontramos na base da sublimação dialética, a idealização do fogo pela luz repousa numa contradição fenomenal: às vezes o fogo brilha sem queimar; então seu valor é toda pureza. (BACHELARD, 2008, p.135).

Considerações sobre os devaneios

As apresentações abordaram as performances: O fogo sobre a escravidão; O canto da terra e; A libertação. Assim, a proposta de trabalhar a Cartografia do Imaginário no Quilombo privilegiou a arte e o pensamento imaginativo, sem perder a essência do processo educativo e os temas objetivos.

Este trabalho educativo nos dá uma dimensão da força do quilombo e do amor da história em suas representações. Ao finalizar esta cartografia, foi realizada uma procissão de velas ao redor da Casa de Cultura Quilombola, e toda a reflexão do dia, nos conectou com o outro, com o quilombo e com o planeta. Todos os participantes levaram para suas respectivas casas uma lembrança num conto calorífico sobre o valor da refeição e do afeto.

Buscamos fazer sentido ao pensamento do autor quando propõe que o fogo é sujeito e objeto, para ele este elemento é o mais dialetizante das imagens, pois se torna “impossível escapar essa dialética: ter consciência de arder, é esfriar; sentir uma necessidade, é diminuí-la; É preciso intensidade sem sabê-lo. Essa é a triste lei do homem ativo.” (BACHELARD, 2008, p. 163)

A Cartografia do Imaginário pode assim vivenciar, sentimentos e doação nos múltiplos aprendizados entre equipe facilitadora e equipe comunidade escolar, para além dos aqui revelados, transcendendo os conhecimentos e saberes nos devaneios bachelardianos.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. Tradução de Paulo Neves. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MALERNA, Juliana; LEROY, Jean Pierre. Justiça Climática e Ambiental. In: **Fórum Brasileiro de Ongs e Movimentos Sociais para o meio ambiente e o Desenvolvimento**. Mudanças Climáticas e o Brasil: contribuições e diretrizes para incorporar questões de mudança de clima em políticas públicas. Brasília: DF, 2008. Disponível em: <http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br/~rmclima/pdfs/publicacoes/2007/Mudancas_Clima.pdf>. Acesso em: 16. jun. 2018.

SANTOS, J. E.; SATO, M.; ZANIN, E.M.; MOSCHINI, L. **E.O cenário da pesquisa no diálogo ecológico-educativo**. São Carlos: Rima, 2009.

SATO, Michèle. Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa. ABÍLIO, Francisca(Org.). **Educação ambiental para o semiárido**. João Pessoa: Ed UFPB, 2011, p. 539-569.

SATO, Michèle. **Cartografia do Imaginário Indígena**. Cuiabá: GPEA-UFMT, relatório de Pesquisa. 41 p. 2012 (mimeo).

SATO, Michèle. **Mitopoética das águas salgadas**. Cuiabá: GPEA-UFMT, relatório parcial de pós-doutorado, 50 p., il., 2014 (mimeo).

SILVA, Regina Aparecida. **Do invisível ao visível: o mapeamento dos grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil**. São Carlos: 2011. 221f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Caval:Identicidades em movimento na Educação Ambiental**. 2008. Dissertação de Mestrado. Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá.

